

MINHA EXPERIÊNCIA EM ENFERMAGEM PEDIÁTRICA

Magnólia A. Maranhão *

"Criança, s. f. - Ente humano que se encontra na fase infantil; menino ou menina. (Enciclopédia Brasileira Mérito - Vol. 5)".

Até o início deste estágio, era esse o meu conhecimento a respeito do assunto; não tive irmãos menores e nem primos com quem tivesse convivência, portanto, ao ouvir dizer "criança", vinha-me à mente um bebê chorando às 4 horas da manhã, fato, no meu entender, pouco agradável.

Logo na primeira semana surgiu Viviane, olhos vivos, jeito meigo, enfim, completamente cativante. E não é que começo a descobrir um tipo de ser humano novo para mim? Baseada em alguns conhecimentos teóricos que fui recebendo aos poucos de autores como J. Plaza Montero, comecei a descobrir, bastante surpresa, que coisa estupenda é ser criança. Sua curiosidade aguçada, tentativas de identificação com adultos "estes seres são grandes que sabem tudo que é certo e errado", sua necessidade de aprovação, enfim, tudo o que os seus três anos transmitem, foram dando-me a sensação de penetrar num mundo novo e, ao mesmo tempo, maravilhoso.

Viviane era sadia, bonita, com atividades normais, e portanto, nada havia de mais gostoso do que brincar algumas horas com ela.

Passou-se a semana de observar crianças saídas; eu não conhecia a Pediatria do Hospital das Clínicas, não estava preparada para o que encontrei.

* Aluna da Escola de Enfermagem da U.S.P.

Luiz Carlos, 1 ano e 8 meses de idade, diagnóstico provável: Diabetes insipidus; estas eram as informações que eu tinha a respeito do meu pequenino paciente. Fui vê-lo: criança feia, quase careca, muito magro, chorando sempre; nesta ocasião não me aproximei do berço, a timidez, ou a surpresa não deixaram.

Dois dias após esta visita, nós entramos realmente em contato; aproximei-me dele e vi dois bracinhos estendidos na minha direção, acompanhados de uma carinha de choro. Algumas linhas acima eu disse que ele era feio, mas não, eu estava completamente enganada; ele era lindo, com aquela beleza que só as pessoas que amam conseguem enxergar, e neste momento, eu comecei a amar Luiz Carlos.

Embora não falasse, apesar dos seus quase dois anos de idade, tudo nele gritava por afeto, carinho, atenção. Este problema envolveu-me com tal intensidade, que cheguei a esquecer os termos paciente-enfermeira. Tratava a criança como se fosse um irmãozinho ou sobrinho; irritava-me com funcionários ou médicos que o "machucavam" com agulhas e exames dolorosos. Eu escrevi a palavra machucar entre aspas, mas realmente era isso que eu sentia em todas aquelas situações; racionalmente eu era capaz de entender a necessidade dos exames, mas no meu íntimo eu pedia que deixassem aquela criança em paz.

Todos esses sentimentos só conseguiram atraparlar a mim e à criança; quando Luiz Carlos submetia-se e exames, eu, ao invés de transmitir-lhe alegria, chorava com ele; bastava que ele ameaçasse começar a chorar, para que eu o pusesse no colo. Como consequência de meu comportamento, criou-se uma dependência afetiva entre a criança e eu; mesmo após ter mudado de clínica, quando eu voltava à Pediatria, Luiz Carlos começava a chorar e a querer vir para o meu colo. De minha parte, eu sentia uma necessidade enorme de vê-lo de vez em quando.

Esta situação terminou quando no domingo de Páscoa, estando eu mais uma vez visitando a Pediatria, Luiz Carlos deu mostras de preferir-me à sua própria mãe. Queria ficar no meu colo e chorava ao voltar para ela.

Percebi então que a situação era insustentável e nunca mais voltei a vê-lo.

De todo êste relacionamento negativo que, embora com boas intensões, prejudicou a criança, algo resultou de bom: foi para mim uma experiência significativa, que fez mudar meu comportamento, aprendendo a dosar atenções e carinhos.

Com a minha segunda paciente eu mudei de atitude, propondo a mim mesma ser mais profissional; comecei a estudar com maior afinco e, baseada nêstes estudos, passei a dar melhores cuidados de enfermagem. Ainda desta vez eu falhei, pois Luiz Carlos significava algo muito recente, o que me impediu de sentir as verdadeiras necessidades da criança.

A esta altura foi feita, pelas professoras, a avaliação de minha atuação no estágio e, vistas tôdas as falhas cometidas, eu fui à frente com um propósito firmado: conseguir entender as necessidades de uma criança hospitalizada e atendê-las.

Luiz Donizeti, com 3 anos de idade e diagnóstico de extrofia vesical, foi a criança escolhida. Além do meu interesse particular, eu precisava apresentar, em um seminário, o estudo de uma criança com problema gênito-urinário, o que me fez estudar muito e com resultados satisfatórios. Consideradas as limitações naturais a uma estudante, eu, em colaboração com uma colega, consegui identificar as necessidades desta criança e fazer um plano de cuidados de enfermagem para atender a essas necessidades.

Mesmo, com todo o meu propósito de não mais me envolver emocionalmente, ao sair do estágio que havia feito com crianças na clínica urológica, eu tive novamente vontade de chorar; já me havia acostumado ao Luisinho e a expressão triste de seu rosto comoveu-me profundamente. Mas, desta vez, embora bastante emocionada, consegui controlar-me e despedi-me dele sorrindo.

Chegamos, finalmente, à Vânia, minha mais recente paciente. Estava internada no Pronto Socorro, em consequência de um acidente bastante violento: queda de um tanque de

lavar roupa sôbre ela. Após ter passado por cirurgia, ser submetida a colheitas de sangue e colocação de drenos, Vânia parecia estar bastante traumatizada e recusava-se a falar com qualquer pessoa. Com ela eu deveria fazer um estudo de relacionamento, ou seja, fazer um diário, contendo todos os nossos diálogos e reações mais significativos, e estudar as possíveis falhas e progressos da nossa comunicação e relacionamento. A princípio, êste no trabalho preocupou-me muito: como fazer o estudo se ela não falava? Senti então que era êste o momento de colocar à prova meu aprendizado em enfermagem pediátrica.

Algumas vêzes cheguei a ficar irritada com seu mutismo, mas eu estava bastante motivada a acabar com êle. Tentei vários meios: brincadeiras, falar com seriedade, ignorar sua atitude, mas, foi só quando coloquei amor em nosso relacionamento é que as coisas começaram a melhorar.

Hoje Vânia falou; nada teria conseguido fazer-me mais feliz do que ver aquela criança sorrir e falar.

Nêste momento, ao colocar no papel sentimentos e experiências pelos quais passei, é que vejo a importância que o estágio teve sôbre mim; influiu intensamente sôbre o meu comportamento como profissional e como pessoa.

Não me considero, em absoluto, "entendida" sôbre o assunto, mas, sinto que nestas sete semanas eu consegui aprender bastante, inclusive com relação a êste trabalho que me julgava incapaz de fazer e que termina aqui.

MARANHÃO, M. A. - Minha experiên <u>cia</u> em enfermagem pediátrica. Rev. da Esc. de Enf. USP, 4(1-2): 131-134, mar-set., 1970.
